O PESSIMISMO

Conferencia feita no Instituto do Ceará

PELO

DR. VIRGILIO BRIGIDO

Senhores do Instituto.

Comprometti-me um tanto levianamente a fazer, não uma conferencia, o que seria demasiada pretenção minha, mas uma singella palestra entre os meus confrades do Instituto, tomando por objecto o Pessimismo.

Uma conferencia sobre o Pessimismo! Como fazel-a em tão breves momentos, si esta vastissima materia abrange uma tão consideravel extensão no tempo e no espaço? Como circumscrever em tão apertados limites esta philosophia, que passou como uma negra lagrima queimadôra atravez do coração humano, desde o «Lotus da bôa-fé" até os ultimos descendentes do «Mundo como vontade e representação?» Historia tão ampla e tão extensa, que lhe são capitulos a historia das lettras, a das artes, a da industria, a dos costumes, em cada epocha de sua florescencia? E de que modo delinear essa historia, tão complexa, sem um lance de vista mais ou menos demorado sobre o desenvolvimento das sociedades, da sua pathologia, da sua hygiene, no periodo genetico dessa doença do espirito, que actualmente, e mais do que nunca, afflige as classes instruidas, e enferma todas as manifestações da intelligencia: a

philosophia, a pintura, a poesia, o romance, a esculptura, até a musica, que mais que nenhuma outra se presta á expressão de sentimentos pessimistas, a ponto de se poder dizer que Wagner é Schopenhauer cantando? E tudo isto não seria materia para um livro, um volumoso livro de absorver longos annos de paciencia e meditação?

Bem veem, Senhores, que è me impossivel solver o compromisso tomado em toda extenção dos seos termos. Mas para dar rasão á palavra empenhada vou procurar um ponto de apoio sobre o qual fique á tona desse lago immenso, sem proceder a sondagens e a verificações, contentando-me em convidar os meus illustres ouvintes a olharem por essa extenção afóra e olhar eu tambem, que me encanta a vista, pelas mais largas linhas, pelos mais amplos contornos, sem nada querer aprofundar, com receio de resvalar para o fundo e perder-me irremissivelmente nessa immensidão sem termos.

Olhemos, pois.

Sem discutir, (porque nada devo discutir nesta palestra, mas somente expor), sem discutir si o Pessimismo é uma philosophia na estricta significação scientifica da palavra, ou simplesmente um *dogmatismo immanente*, como lhe chamou Schopenhauer, examinemol-o apenas nos seus elementos externos, como phenomeno sociologico, ora manifestando-se inconscientemente, quasi que producto morbido do espirito de uma epocha, ou de uma nacionalidade, ora systhematisando-se em um corpo de doutrina, como succedeu na India, na Italia e na Allemanha.

A mais elementar observação descobre desde logo que o Pessimismo não é um phenomeno moderno, uma feição particular da nossa epocha. Tem-se manifestado em todos os paizes, em todos os tempos, em que uma certa civilisação tem tido incremento. Vemol-o na India, na Grecia, em Roma, na Persia, na edade media, nos

tempos que correm ; aqui, nas queixas plangentes dos poetas, nas arengas dos videntes, nas lamentações dos prophetas, ali como uma nova moral libertadora; alem como uma philosophia de desalentos. Nem uma raça ainda escapou a esses assomos de máo humor e de desespero, estimulados quasi sempre pelos descontentamentos do presente e pelas incertezas do futuro.

O traço caracteristico do Pessimismo, e que desde logo se offerece ao olhar do observador, è a decadencia; sempre o encontramos a assignalar uma epocha de desanimo e de mizeria moral, de enfraquecimento e desagregação das forças sociaes. E' na Iudia ao terminar o forte periodo Veddico, que marcou o apogeo d'aquella civilisação mysteriosa e esoterica ; é na Persia ao termo da phase esplendorosa das conquistas, das riquesas assombrosas, dos reis soberbissimos, dos exercitos tão numerosas como as areias do mar e como as estrellas do céo ; pessimismo de que se embebe o admiravel poema Rubayyat do poeta Omar Khayyam. E' na Grecia ao apagar-se o deslumbrante clarão, o maior talvez que jà illuminou a humana intelligencia. E' em Roma na hora de seu desmoronamento, quando Lucrecio lançava aos quatro ventos do espirito o seu canto materialista, e Juvenal fustigava com a vergasta quente de suas satyras a face daquelles *severos debochados*, como elle lhes chamava. E'... por toda parte, emfim, como fructo malsão de arvore moribunda.

E' phenomeno de todos os tempos, dizia, e de todas as regiões, porque em toda parte ha na vida um elemento de tristesa, que ora assoberba rugidor e tempestuoso, ora se esconde por detraz de um optimismo, como aquelle epicurista de Horacio, que nem era bastante denso para incobril o de todo.

Dum loquimur fugerit invida ætas : dizia o favorito de Mecena.

Ha porem que em nenhuma parte assumiu elle as proporções de uma religião, ou de uma philosophia,

como na India e na Allemanha, Budhismo alli, Schopenhauerismo aqui.

O Budhismo é o grande typo das doutrinas do Nada, para o qual a suprema ventura consistia no aniquilamento completo do ser material e moral.

As instituições sociaes, que os Arias transplantarão para a peninsula do Ganges depois da sua conquista, tinhão como garantia a communa, *Comunanza de villaggio*, como diz Giuseppe Carle, no seu bello livro *Vita del Diritto*. Este regimen obrigava-os a uma certa simplicidade de vida, que muito contribuia para a pureza dos costumes, e engrandecimento da patria. Porem, ou porque influisse o clima sobre as instituições transplantadas, ou por circumstancias peculiares, dessa communa veio pouco e pouco surgindo a rigida instituição das classes e distincção das castas. No periodo veddico o pater familias lavrava o campo, apascentava o rebanho, tomava as armas na guerra, e celebrava os sacrificios, porque era ao mesmo tempo pastor, sacerdote e guerreiro. Na transição deste para o periodo Brahmanico, ja a cousa se dava de outro modo. Havia communas de tendencias pacificas e contemplativas, occupadas em compôr hymnos religiosos, em dar um caracter mystico e divino ás tradições do passado. Outras havia amigas da caça e da guerra; outras emfim, dados ao commercio, ás especulações mercantis, ás profissões diversas. Da differença de occupação nasceu a differença de casta. A principio foi tudo muito bem. A classe mercantil dos *Vaicya* enriqueceu se a ponto de poder sustentar a classe dos guerreiros, que erão os *Kshatriyas*, a dos sacerdotes, que erão os *Brahmanes*. A rivalidade porem não se fez esperar, e porque a classe dos Brahmanes era a mais intelligente, adquiriu a decesiva preponderancia, sanccionada pelo codigo de Manú, n'uma serie de preceitos terminantes; Diz elle (liv. IX § 322): « os Kshatriyas não podem prosperar sem os Brahmanes...» « Para conservação da creação inteira, o Ser soberanamente glorioso assignou

occupações diversas áquelles que Elle tinha produsido de sua bocca, isto é os *Brahmanes*, áquelles que tinha produsido do seu braço, isto é os *Kshatriyas*, da sua côxa, os *Vaiçyas*, e dos seus pés os *Sudras* »—I § 87.

« Pela sua origem, pois deriva do membro mais nobre, porque nasceu primeiro, e porque possue a santa escriptura, é o Brahmane de direito o Senhor de toda a creação.» I § 93.

A classe dos Sudras era composta dos indigenas da peninsula. Della dizia o Codigo de Manu :

« O Senhor deu aos Sudras um unico officio : servir as classes precedentes. Elles são por sua natureza excluidos da leitura dos livros sagrados e da investidura do sagrado côrdão.—I § 91.

Investido de taes e tão sublimes atribuições, considerado como um semideus pelas outras classes, o Brahma tornava-se terrivel de vaidade e de soberba ; impunha regras de moral severissimas, obrigando a multidão a preceitos complicados e ridiculos, cuja menor infracção era punida com penas atrozes. Acreditavão esses infelises que o poder do Brahma se estendia até alem da morte, e que a sua colera os havia de perseguir nas suas diversas incarnações. Desolava-os a ideia de passarem ao corpo de um animal immundo, para punição de suas culpas, e preferião, por isto, soffrer toda sorte de castigos, de affrontas e de vilipendios.

Ao despotismo espiritual dos Brahmanes juntava-se a tyrania dos soberanos e da classe superior, que esmagavão-os com o peso de sua arrogancia, empobrecendo-os com repetidas e despropositadas contribuições, e sacrificando-os em lutas caprixosas e estereis.

Em taes condições, nem ao menos havia a consolação na morte, porque alem della se estendia a mão vingativa e inevitavel do Brahmane. Onde achar consolação para suas miserias, remedio para seus males, conforto para seus terrores ? Onde encontrar uma barreira áquella torrente de males, que brotava do seio de Brah-

ma, do Ser infinito e glorioso, e se alastrava por toda face da terra, inexoravel e fatal, abrazando as fontes da vida, pondo uma *gotta* de fel em cada sorriso, uma agonia em cada coração? Como viver, si o viver éra um mal? Como morrer, si a morte éra um mal maior?

E' então que *Çakia-Muni*, o Scho penhauer daquelles tempos obscuros, appareceu. Veio, condoido daquella onda crescente de dores, abrir novos horisontes á consiencia, dar uma luz à caligem daquellas almas, lançar a semente de uma nova doutrina em terreno sufficientemente amanhado pelo soffrimento.

As antigas concepções religiosas, que fizerão a felicidade dos veddas, essas estavão já completamente apagadas nos espiritos. *Kapila*, para remediar o mal, tentara explicar a crença dos Brahmanes, mas havia chegado ao absurdo, à contradicção manifesta e desoladora. Perdida aquella crença salutar e primitiva, onde encontrar novas concepções, que remediassem os males actuaes? De que encher o vasio, com que nunca se acostuma a consciencia humana?

E'-*Çakia-Muni* o portador da bôa nova; é esse filho de rei, que veste os andrajos de mendigo, e vem trazer uma esperança a alma desalentada dos Indus. Sobre aquelle supremo desespero erige elle o edificio de sua religião, a qual, nascida no desespero, tinha logicamente de acabar no Nirvana. Pregou a castidade, a caridade, o perdão das offensas; prometteu aos que o seguião o livramento de todas as resurreições futuras, das perigrinações successivas, dando como suprema recompensa o aniquilamento, a absorpção final no grande Ser, no Nirvana. Apagou as distincções de castas, simplificou os ritos complicados, reformou os cultos, dando assim um grande alivio nos espiritos opprimidos, que o proclamarão o Grande Libertador.— A principal virtude de sua doutrina era a piedade; della como de uma fonte inexgotavel brotava todo bem:

« Não faças mal aos outros; são tão desgraçados

que o mal que lhes fizeres perde-se no infinito de seus males.»—

Essa doutrina, porem, foi perdendo a sua forma primordial, a proporção que a sociedade se reconstituia ao influxo das novas crenças. O seu nada foi pouco a pouco se povoando de sombras superiores, de espiritos bemfasejos, transformando-se na mansão dos bemaventurados, daquelles que tinhão vivido segundo as quatro verdades e os oito preceitos de *Çakia-Muni*, e acabando por tomar a feição de todas as religiões reveladas, com o aspecto particular á cada raça, que a ella se filiava, na India, na China, na Mongolia. Para o Budhista, como affirma Max Muller, a vida é um sonho, um fardo insupportavel, uma dôr constante, sem solução favoravel.

Budha nega a existencia do creador, do Ser absoluto. Nada é real no passado, e no futuro. A verdadeira sabedoria consiste na percepção do nada de todas as cousas, no desejo de em nada se tornar, de ser aniquilado como um sopro, de entrar no Nirvana, que é a extincção. E para lá chegar? Só ha dois caminhos: a morte ou o ascetismo, o desapparecimento completo ou a completa libertação de todos os desejos e de todos os sentimentos pela illuminação da intelligencia, porque, diz *Çakia-Muni*, «a existencia é o mal, o que produz a existencia é o desejo; o que produz o desejo è a percepção das formas illusorias do ser.» A suprema sciencia, portanto, é a ignorancia deixando de ser ludibrio de si mesma. Ella percorre successivamente quatro etapas: conhecer a naturesa e a vaidade de todas as cousas; abolir em si o juiso e o raciocinio; atingir á indifferença; chegar ao desvanecimento de todo prazer, da consciencia toda, de toda memoria. Então começa o Nirvana: extingue-se a luz, vem a noite, vem o nada. Este Nada porem só se consumma na alta esphera do Nirvana, em que nem mais a ideia do nada existe, só o nada, o nada absoluto, a extincção...

Agora perguntamos, si o Pessimismo é um estado

pathologico de uma sociedade, como é que na India, não obstante epochas de prosperidade e de saude moral, a religião do Nirvana tem perdurado por tantos seculos?

Primeiramente, como ja indicamos, ella perdeu a forma primitiva, e si bem que ao fundo guardasse uma idéa predominante, todavia foi evolvendo conforme evolvia a sociedade de que era alma e a crença vitalisante.

Em segundo lugar, ella proclamava como dogma primacial uma egualdade real e inilludivel, que abolia todos os velhos previlegios das castas e das classes, fazendo disto o segredo de sua força e de sua vitalidade. Depois, quem sabe se a fossilisação em que cahirão as instituições daquella civilisação, que estacionou ha dezenas de seculos, não tem sua causa nessa religião, que consagra a vida contemplativa como o ideial dos meios para os fins supremos? a quietitude como meio de salvação?

O facto é que aquelle povo, que na epocha da conquista tinha revelado um energico senso do justo e uma vigorosa intuição das condições necessarias à vida social, como o provão os seus hymnos religiosos, as suas esplendidas epopeias, os seus systhemas de philosophia, e seus grandes momentos juridicos, parou n'um certo grau de civilisação e ahi adormeceu por seculos, indifferente ao movimento do mundo, que progride, como o Brahmane santo na porta do Pagode ipnotisa-se, immovel, na contemplação do Nada Supremo.

Ahi fica a largos traços o Pessimismo feito uma religião e sendo o guia espiritual e moral de centenas de milhões de homens.

— —

Vamos dar agora um salto prodigioso, sem temer que nos fascine a violencia do arremesso, atravez de edades, de raças e de regiões differentes. Passemos sobre aquelle Pessimismo hebreu, dominado pelo olhar severo e implacavel de Iaveh, tendo na morte a unica

esperança de alivio ás mizerias do mundo, e inspirando livros admiraveis e profundamente tristes como o Ecclesiastes e o livro de Job. Deixemos a Grecia polytheista, com seu inflexivel destino—Moira—a que deuses e homens estavam fatalmente presos, e que formava o eixo das suas grandes tragedias, dominando, constringindo a vontade dos heróes, que morrião no desespero da montanha, á garra aduncа das abutres, na insaciavel sêde do indefinido. Deixemos de parte aquella eschola pessimista aberta pelo famoso Hegesias, tão eloquente na pintura das mizerias da vida, que recebeu o nome de Peisithanatas, (que quer dizer : o que persuade para morte), eschola que foi mandada feichar para subtrahir os ouvintes ao contagio do suicidio.

Não lembremos aquellas palavras profundissimas de Eschylo, que são, por si sós, a synthese suprema do soffrimento irremediavel, que brota, e desenvolve, floresce e propaga-se frondente e luxuriante, como uma planta maldicta : Pathos anthey ! Cerremos ouvidos ao *carpe diem* gemido pela cidade das cidades.

Mas, Seneca ? Para que, disia elle, chorar em detalhe, si o conjuncto da vida é deploravel ?

E Marco Aurelio ?—« Oh, morte não retardes o teu passo...»

Sim. Deixemos todo esse pessimismo individual, si bem que profundo ; passemos, d'olhos cerrados, por esse grande tunel aberto na historia, chamado idade-media, e abeiremos-nos do inquietante problema contemporaneo.

Como vimos, o Pessimismo tem sido sempre o producto da incerteza do espirito n'uma epocha de instabilidade e de desorganisação. A lei é geral, para os dias de hoje, como para os dias do passado, na India como na Europa.

No seculo 18.º a instrucção não se derramava por todas as camadas sociaes, como hoje em dia ; por tal maneira era ella limitada que Voltaire contentava-se com cem leitores para seus livros, o que sem duvida

devia ser aspiração de ambicioso escriptor. Os philosophos, os poetas não se inquietavão com fazer-se intendidos pela multidão. Foi creada por isto uma litteratura de artificio, uma philosophia de côrte, que era o aperfeiçoamento requintado das velhas escolas theologicas, transformadas em methaphisica immanente. D'esse requinte brotarão os grandes ideines, que dilatarão as aspirações, mergulhando a intelligencia n'um sonho encantador, sonho de que em breve despertou com uma interrogação perspicaz e inquietante. Hume e Fichte debalde rasgarão novos horisontes ás magnificencias philosophicas, debalde procurarão apagar na alma humana, inquieta do futuro, a obstinada interrogativa.

Veio Kant, entrou pela floresta das filosofias adentro, de machado em punho, o machado formidavel de um assombroso criterio, e reduzio o velho matagal methafisico ás nimias proporções da inanidade, demonstrando de uma maneira precisa a irromediavel improficuidade dessas doutrinas.

O espirito apavorou-se deante dessa *Rasão pura*, que tudo desmoronava; desse demolidor implacavel, que não deixava pedra sobre pedra daquellas doces e esplendidas construcções, em que, por seculos, se refugiarão as almas, como castellães nos palacios rendilhados do Rheno.

Que fazer? Voltar para o methaphisicismo? Lá estava o solitario de Kenigsberg guardando-lhe a entrada com a *Critica* inflexivel, a maneira de espada flammejante. Para onde ir? Como escapar ás duvidas creadas pela *Rasão-pura*? Como encher o vasio, que ella fizera em torno das velhas crenças adoradas?

Hegel, com o seu grande espirito equilibrado, e Schelling com a sua magnifica concepção da theoria, comprehenderão a necessidade de uma solução para aquelle estado d'alma, e tentarão reconstruir a methaphisica mutilada. A obra, que elles tentarão, era prodigiosa e consistia em recompor peça a peça o edificio

que Kant destruira, não somente nas paginas dos seus livros, mas ainda na consciencia publica.

A alma humana não precisava de rehabilitações impossiveis: tinha necessidade de crenças novas, bem vivas, bem humanas, que a vingassem daquellas fundas decepções. Porem Hegel e Schelling promettião, e por um momento a sua philosophia foi a consoladora dos homens.

Hegel teve um successo universal e prodigioso. Era uma philosophia refugio.

Todos os espiritos apavorados com os resultados do Criticismo grupavão-se febrilmente em torno deste ultimo *apriorista* da rasão absoluta, e durante 30 annos soffreu a Europa dessa epidemia philosophica.

Contudo erão bem fundas as feridas para mediocres consolações, e o grandioso systhema Hegeliano deixara os espiritos mais atonitos e maravilhados de que convencidos. O deslumbramento já perdurava demais; ia para ceder, tinha de finar-se.

Ao mesmo tempo que Hegel, caminhavão, em direcções diversas, para um ponto de vista Augusto Conte e Saint-Simon, para outro Schopenhauer e Leopardi. Hegel havia quebrado o ultimo encanto da methaphisica. Agora so havia, ou tomar Kant como ponto de partida para novas indagações, procurar, sobre essa base, uma via ao novo philosophar; ou desesperar de Kant e da methaphisica, por incapases de corresponder ás exigencias do espirito especulativo, e concluir pela miseria de tudo, pelo aniquilamento. A. Conte seguio pelo primeiro caminho, Schopenhauer pelo segundo.

Para a obra do philosopho francez erão precisos os materiaes da mais rigorosa solidez methaphisica; para adquiril-os fazia-se mister um trabalho persistente, uma longa paciencia. Dahi o insuccesso por longos annos desta sabia philosophia, que não podia pelas suas difficuldades descer ao grande numero.

Portanto, diante da queda do Hegelianismo, e das

difficuldades do Positivismo, todos os olhos se voltarão para Schopenhauer, cuja elegante e poetica philosophia correspondia mais ou menos ao estado geral dos espiritos, e, facilmente assimilavel, offerecia uma prompta solução às incertesas da rasão, achando se, ou dizendo achar-se justamente no caminho de Kant, a quem instinctivamente se pedia remedio para o mal, que elle mesmo fizera.

Este impulso para o Pessimismo foi tão intenso que se communicou a todas as fontes vitaes da intelligencia.

Ha entre Schopenhauer e Kant uma differença profunda. A obra deste tem uma significação clara e precisa : é discussão e demonstração definitiva desta these :

« A methaphisica não pode em caso nenhum ir alem da experiencia. » Schopenhauer não era propriamente um philosopho na estensão rigorosa da palavra, era um moralista a maneira de Vauvenargue e de Larochefoucauld. Construia moral, porque sendo bastante culto para ver a vacuidade do hegelianismo, não era contudo bastante solido para continuar a obra de Kant, sendo lhe tambem embaraço o elevadissimo sentimento artistico de que era dotado.

Quereis ver o plano de sua philosophia ? Elle proprio dá uma synthese nestas palavras caracteristicas :

« A verdadeira concepção philosophica do mundo, diz elle, aquella que nos leva ao conhecimento da sua intima constituição e nos conduz fóra das apparencias, é exactamente aquella que não indaga, nem d'onde vem o mundo, nem para onde vae, nem porque existe, mas como existe ; que considera as cousas, não segundo uma relação qualquer, ou como apparecendo e desapparecendo, ou segundo uma das formas do principio de causalidade ; mas que tem por objecto aquillo que fica depois de ter sido afastado o ponto de vista que decorre daquelle principio de causalidade, e que apparece em todas as relações sem lhes ser submettido, quer dizer, a existencia do mundo e suas ideias. Uma semelhante

noção é a fonte da arte, da philosophia, e desta disposição de espirito, que é a unica capaz de levar á bemaventurança, á libertação do mundo. »

Eis ahi o motivo de sua philosophia. Nas suas meditações sobre as vicissitudes da vida, e sobre as dores do mundo o philosopho descobriu que a vontade se destinguia profundamente da intelligencia, que era a unica cousa cujo conhecimento immediato nos é accessivel, que era emfim o centro, o pião de tudo.

Em torno desta ideia elle grupou tudo : moral, politica, direito, arte, sciencia, historia; ligou a ella todos os seus vastos conhecimentos, todas as suas meditações, absorvendo nella o seu temperamento cheio de misanthropia e de desdem.

Fez da Vontade a mysteriosa e implacavel alma do mundo, e do mundo uma representação mental. (*Vorstelling*). Essa Vontade ficou sendo a essencia mais intima, o nucleo, para assim dizer, de cada causa individual e igualmente da totalidade da existencia. N'um attento olhar introspectivo sa vê que a Vontade forma a materia e o objecto da nossa consciencia. O espirito cognocitivo não pode ser conhecido na consciencia pessoal ; o que ahi é conhecido é a vontade, porque, não somente as volições e as resoluções no sentido estricto, mas tambem todo o esforço, o desejo, a aversão, a esperança, o temor, o odio, o amor, tudo que compõe immediactamente a nossa felicidade ou as nossas desgraças, o prazer, a dôr, não são mais do que affirmações da Vontade.

Quanto mais se desce na escala dos seres, mais diminue a Intelligencia e mais predomina a Vontade... Uma é tão dependente da outra que a intelligencia não pode prehencher as suas funcções emquanto a vontade está em silencio e se repousa.

A vontade, é pois, a realidade suprema, o *Numena* para todos os outros fenomenos do mundo, o Ser estranho ás formas do tempo e da pluralidade. A ausencia

de fim, de qualquer limite, pertence à sua natureza em si, que é um esforço infinito.

Agora, dessa Vontade, alma de tudo, desse esforço effectivo, decorrem todas as conclusões pessimistas de Schopenhauer.

Diz elle que a Vontade é, de sua essencia, um esforço infinito, e o esforço indica necessariamente um soffrimento, porque vem elle de uma imperfeição. Como a naturesa da Vontade é de se esforçar e ella é o elemento real e permamente da nossa natureza, é impossivel haver uma satisfação a esse esforço, uma consolação a esse soffrimento. Dahi a affirmação de que só a dôr é positiva decorre immediatamente daquella força effectiva e irradiavel.

Assim conclue elle tristemente :

« Todo o nosso esforço, para nos libertar, é vão. A vida humana vacilla entre a dôr e o aborrecimento, que são os seus dois pólos inevitaveis.»

E qual o remedio, qual o meio de fugir ao mal, que assoberba ?

O suicidio, o ascetimo, ou a arte. O suicidio è cortar o mal radicalmente. O ascetismo leva o homem atè a renuncia voluntaria de tudo, até a castidade absoluta, estancando a fonte da vida, até a negação do querer viver (Loban Wollan). A arte, que é uma contemplação, liberta da vontade, livra do esforço, e por isto estabelece uma paz intima, tornando as imagens da vida cheias de encanto, e nos fazendo esquecer os duros soffrimentos, que nos inflinge aquelle *Numena.*

Eis o Pessimismo e as suas consequencias desoladoras ; eis ahi a summa dessa philosophia curiosa e melancolica, que veio acolher os espiritos agitados pelas incertezas de uma epocha de critica e de analyse desapiedadas ; eis ahi a fonte dessa doença moral ou intelectual, que tem assolado a consciencia humana, produzindo tanta somma de infelicidade e de desespero.

Na confiança exaltada dos fins ideiaes, fiando-se demasiadamente nos seus esforços, confiança e fé que lhe davão os grandes acontecimentos politicos e sociaes, que fiserão a consagração da democracia, e a serie de triumphos obtidos pelos novos methodos de investigações,—o homem moderno atirou-se á afanosa lida em prol de aperfeiçoamento, á intermina campanha pela felicidade. Pedio á sciencia luz para guial-o, e ao ventre da terra meios para la chegar. Neste proposito, tudo enventou, tudo creou, tudo submetteu, das entranhas do mar ao fugitivo raio. E quando já cançado de luta, quiz dar balanço no activo e passivo de sua *psyché*, para com os resultados repousar, olhou para dentro de si e vio com assombro que apenas tinha conseguido enriquecer-se e descrer. E fez-se então na sua consciencia a desoladora certeza de que a unica felicidade está em aspirar e crer, aspirar á justiça e crer no amor infinito.

A critica invadiu tudo, a analyse tudo decompoz. Nada foi respeitado, deuses e religiões, artes e philosophias. Todas as cabeças penderão sobre o livro e sobre os instrumentos de laboratorios ; perfurarão-se montanhas, rasgarão-se isthmos, e de tudo isto surgirão as verdades scientificas e as leis historicas, como uma legião temivel armada de ironia pungitiva, a destruir os ultimos refugios da crença, conseguindo apagar a divina chamma da phantasia e do mysterio, que, sem duvida, formão a tunica immaculada e inconsutil da felicidade.

D'ahi resulta que, emquanto a intelligencia encontra na investigação vasta mésse com que satisfazer as suas aspirações cognocitivas, nenhuma nobre formula artistica se propõe a satisfazer as aspirações emocionaes. D'esse desequilibrio nasceu sem duvida a consciencia de uma certa instabilidade, que é a predisposição para a philosofia do nada.

Nem mais a grandiosa arte dos seculos anteriores pôde corresponder ás necessidades da emocionalidade

moderna. Mudadas as aspirações e os costumes, à luz de novos e amplos horisontes, na confusão das industrias, no fragor da concurrencia vital, no afan de cunhar moeda, ao rumor do milhão rapido,—aquella espontanea e magestosa arte tomara a feição de velha dama empoada e mesureira, deslocada de seu mundo e do seu tempo, ainda na solemnidade convencional de um regio minuete.

Depois, nada é firme actualmente na Europa. Uma pungente inquietação atribula todos os espiritos: as instituições vacillão; e por debaixo dessa apparencia de grandesa que ostentão os principaes estados, a França, a Russia, a Inglaterra, a Allemanha e a Italia, sentem-se rugir medonhamente as entranhas do vulcão da miseria, que ameaça explodir e tudo devorar n'um cataclisma medonho.

Na Allemanha sobre tudo. Alli ha uma nação de soldado superposta a uma nação de necessitados, cujas *miserias remordem-se lugubremente sem uma valvula* por onde escapem. Alli o soldado não é o sustentaculo de uma grandesa politica, é a tampa de uma fornalha prestes a rebentar. Nesse paiz pobre e que o soldado devora, a crise economica é espantosa, a industria vive de contrafações; e a baratesa do braço é de fazer piedade. E a prova desta miseria profunda é que em 18 annos, não obstante os rancores da guerra e os odios tradicionaes de raça, emigrarão para a França inimiga e odiada 2 milhões de Allemães, e 5 para a Republica americana! Naquelle paiz, os milheiros de baionetas, de que se irriça o solo do esteril Brandebourg, empregão-se antes em vigiar as typographias, os escriptos, as tribunas para conter e abafar a revolta eminente, do que em vigiar a fronteira temida.

Na Italia o milagre de Mariani mal poude desfarçar a ruina economica e financeira. Na Russia e na Inglaterra a questão agraria leva o irlandez e o mujik a excessos desesperados.

E na França? na risonha França amavel, a patria

da canção e do Vaudeville, o viveiro dos heroes? Alli vai-se o mal infiltrando profundamente. Não se manifesta nesse odio rancoroso da vida, o que é terrivel; mas n'uma especie de cynismo intellectual, o que é peior; pois produz o typo exotico e doente do dandysmo pessimista, que tem aversão as cousas vulgares, que é inimigo do burguez e da placidez da vida; que despreza o amor calmo da familia, e acha ridiculo o conchego do lar. A um infeliz atacado do mal perguntava o medico:—Que vos dóe?—Dóe-me a vida, doctor;—foi a resposta convencida do misero.

Fastio de viver, tedium vitæ, é o que elle tinha. O dandy pessimista olha para a humanidade de um ponto de vista exterior, como si elle não fizesse parte della; é correcto, ironico, impassivel, parnasiano, decadente, com a nevrose n'alma, como uma flor na botoeira, sorri amarga e superiormente para a multidão que se afana no labor infructifero e burguez, e vai arrastando a existencia miseravel entre as elegancias impeccaveis e os tedios mortaes. Para elle só uma cousa é digna de attenções e de cuidados, é o gosto, que elle apura com um requinte subtil, com uma delicadeza timida e escrupulosa, que se traduz no japonismo, no *bibelotismo* e no bric-a-brac, que vão de par com o Pessimismo.

Eis o estado em que a philosophia do nada encontra a alma europea. Nenhum terreno havia mais proprio para germinar a semente lethal. Tudo trasia essa doutrina, desde a forma deslumbrante até a ideia mais sublimada. Schopenhauer e Hartman tinhão o dom inestimavel de dizer brilhantemente, seductoramente as cousas menos brilhantes e menos seductoras.

E a semente germinou e a planta floreceu. E hoje as gerações curvão a cabeça na certeza de que a vida, como diz Schopenhauer, é uma caçada incessante, em que osseres, ora caçadores, ora caça, disputão os boccados de uma horrivel carneficina; è uma guerra de

todos contra todos, uma sorte de historia natural da dôr que se resume assim: querer sem motivo, lutar sem tregoa, depois morrer, e assim por diante até a consumação dos seculos, até que este miseravel planeta rebente em estrilhos infinitos:»

E o remedio para este mal? Está no proprio mal. Producto de uma epocha de transição e decadencia, tem de com ella passar. E o remedio está em acelerar o mal, em procipitar a transição para entrarmos na nova era de esperança e de prosperidade, em que, das ruinas, das combatidas sociedades actuaes surjão as sociedades novas, fundadas sobre uma justiça mais recta, amparadas por um direito mais justo.

Si o tempo me permitisse e a vossa paciencia, eu tocaria em outros pontos interessantes da questão; mas de mais tenho abusado da vossa complacencia, que vos fez ouvir estas tiradas incoherentes, que nem bem dicerão as cousas importantes dessa doutrina melancolica, que nos faz cerrar os olhos em desespero e chorar amargamente as miserias do nosso nada.